

HASHTAGS: ROMPIMENTOS COM DIZERES SEDIMENTADOS*

Autora: Vânia Lúcia Coelho-
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- FFCLRP/USP

RESUMO: Há muito que áreas como a Biblioteconomia e a Documentação buscam empreender mecanismos que facilitem os processos de organização e recuperação de conteúdos. Ao longo do tempo, porém, com o advento da internet e, especialmente, com a modalidade “2.0” da web, foi que o processo de organização e recuperação de informação passou a distanciar-se cada vez mais de ambientes institucionalizados, como as bibliotecas, e de profissionais habilitados no tratamento informacional, como os bibliotecários, para pousar nas mãos dos antes tão passivos usuários da informação. O presente artigo busca apontar de que forma o Twitter, com suas *hashtags*, tornou-se um bom exemplo desta transição.

PALAVRAS-CHAVE: Web 2.0. Análise do Discurso. Biblioteconomia. Tags. Redes Sociais.

INTRODUÇÃO: os “clássicos” do tratamento da informação

Há muito que áreas como a Biblioteconomia e a Documentação buscam empreender mecanismos que facilitem os processos de organização e recuperação de conteúdos. A catalogação, a classificação e a indexação de assuntos são alguns dos métodos lançados por estudiosos destas áreas para embasar uma série de técnicas e teorias estudadas ao longo de anos com o objetivo de tratar o conhecimento acumulado mundialmente.

Fujita (2003) sintetiza estes clássicos processos de tratamento da informação usados especialmente no âmbito das bibliotecas. Para ela, a organização da informação envolve as atividades de tratamento informacional envolvidas tanto no tratamento descritivo do suporte informacional quanto no tratamento do conteúdo da informação, ou seja, seu tratamento temático.

Tais mecanismos (catalogação, classificação e indexação) têm funcionado de forma satisfatória ao longo de anos nos mais tradicionais meios de acesso ao conhecimento, como as bibliotecas. O fato de um profissional da informação, graduado e habilitado para promover desde a coleta, análise, tratamento até a recuperação e a disseminação da informação, estar presente nestes ambientes institucionalizados facilitou, e muito, para que uma imensa gama de assuntos fosse devidamente alocada e posteriormente recuperada para os mais diversos usos por parte dos leitores.

Ao longo do tempo, porém, com o advento da internet e, especialmente, com a modalidade “2.0” da web, foi que o processo de organização e recuperação de informação passou a distanciar-se cada vez mais de ambientes institucionalizados, como as bibliotecas, e de profissionais habilitados no tratamento informacional, como os bibliotecários, para pousar nas mãos dos antes tão passivos usuários da informação.

Web 2.0: dos blogs às redes sociais

Um dos primeiros recursos lançados no âmbito da “nova” web, colaborativa, foram os blogs.

Criados inicialmente com um teor pessoal, similar às páginas de um diário íntimo, os blogs alcançaram aqueles até então passivos usuários de informação na internet que, a partir de então, se viam possibilitados a compartilhar suas próprias experiências, crenças e opiniões.

Em outras palavras, foram os blogs um dos primeiros recursos a possibilitar a saída do usuário de uma condição meramente passiva de leitor para uma posição de criador de conteúdos para a internet. Eles se constituem “espaços virtuais de informação” que possibilitaram ir muito além de uma mera posição de consumidor do conteúdo da web para relevar-se um meio democrático de acesso e criação de conteúdos.

No mesmo ano de nascimento da segunda geração da Web, nasce também, nos Estados Unidos, aquele que viria pela primeira vez nos familiarizar ao termo “rede social”: o Orkut.

Inicialmente criado como um software, o Orkut é um espaço formado por um conjunto de comunidades e perfis de pessoas onde é possível se cadastrar, inserir fotos, criar listas de amigos e comunidades. Pode-se perceber as conexões diretas e indiretas dos indivíduos (amigos e amigos de amigos) e é possível o envio de mensagens, tanto para amigos quanto para fóruns de comunidades. (RECUERO, 2004).

A decadência do Orkut, no Brasil, só veio com a ascensão de uma nova rede, criada também em 2004, por Mark Zuckerberg: o Facebook.

Assim como o Orkut, o Facebook também possibilita envio de mensagens para amigos, amigos de amigos e páginas de interesse. Ainda é possível inserir fotos, vídeos e publicações passíveis de serem “curtidas” pelos demais usuários. Pode-se criar grupos abertos ou fechados, e até mesmo secretos, onde se compartilha assuntos de interesse coletivo. A ferramenta “busca” permite buscar usuários ou páginas pelo nome.

Outra rede social também bastante popular e de grande participação no âmbito da internet brasileira é o Twitter. Com funções de um “microblog”, o Twitter se constitui como uma plataforma onde é possível publicar conteúdos com até 120 caracteres. Pode-se também compartilhar fotos e links de outros sites, que são compactados para não exceder tal limite.

Outra característica marcante do Twitter é a inserção do símbolo de jogo da velha seguido de alguma palavra que represente o conteúdo publicado: são as *hashtags*, que se tornaram mania neste tipo de rede social e já têm sido usadas inclusive no Facebook e até mesmo em estratégias de marketing. Uma verdadeira “febre”.

Hashtags: a febre do jogo da velha

É só navegar na internet, assistir a um programa de TV ou olhar para um *outdoor* que lá estão elas: as palavrinhas ligadas a um símbolo de jogo da velha que têm se tornado mania para representar ideias.

Assim como as tags, as *hashtags* também são usadas representando palavras-chave de um determinado conteúdo. No Twitter, por exemplo, o uso de *hashtags* nas publicações dos usuários permite a formação dos “Trending Topics”, que são os assuntos mais comentados no

momento e que, ao serem clicados, permitem ver todas as publicações de usuários que receberam aquela palavra-chave em questão. (SILVEIRA, 2013).

Segundo Barbosa et al, uma vez confirmada a eficácia das *hashtags* para representar e agrupar um grande volume de mensagens que expressam sentimento, esse metadado pode ser utilizado como insumo para treinar algoritmos que visam detectar e monitorar automaticamente a opinião das pessoas, expressa a partir do grande fluxo de dados proveniente dos softwares sociais online. É por este motivo que as *hashtags* podem se tornar “termômetros” da opinião popular sobre um grande acontecimento mundial, como uma eleição, conflitos armados, fatos da vida de celebridades.

Também ao empenhar uma busca no Twitter sobre um determinado tema, é possível recuperar aquelas publicações que foram “hashtageadas” com a palavra em questão, o que torna o conteúdo criado no âmbito da rede social passível de ser organizado e recuperado. Isto nos faz retornar ao início do presente artigo, quando foram abordados os “clássicos” da Biblioteconomia e da Documentação (catalogação, classificação e indexação). Há, porém, um grande diferencial: no âmbito das redes sociais, a representação da informação é munida de uma pluralidade de sujeitos agindo conjuntamente que a impede de ser engessada por um conjunto de métodos e teorias. Há, em outras palavras, uma “polissemia informacional” da qual as *hashtags* se tornaram bons exemplos.

Representação da Informação: paráfrase e polissemia

A classificação e a indexação são os processos biblioteconômicos que possibilitam que o conteúdo de documentos seja representado por códigos numéricos e por termos previamente selecionados por um indexador, respectivamente. Juntos à catalogação, formam uma das tríplexes mais famosas do tratamento informacional e ainda constituem uma das áreas mais relevantes em qualquer currículo de graduação em biblioteconomia.

Por serem elaborados muitas vezes sem a participação de uma pluralidade de sujeitos (geralmente apenas profissionais da informação participam de tais atividades) e por se constituírem de métodos muitas vezes engessados pelo tradicionalismo, classificação e indexação podem ser comparados ao processo de paráfrase, o qual, segundo Orlandi (2005), “são aqueles pelos quais em todo dizer há algo que se mantém (...). Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização”, enquanto que a representação da informação na Web pode considerar-se polissêmica, dada a característica plural e “desregrada” que a constitui: “na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco”. (ORLANDI, 2005)

Na internet, torna-se muito difícil, senão impossível, estabelecer um conjunto de regras que possam reger a organização do conteúdo para que ele possa ser posteriormente recuperado. Espera-se, claro, dado o caráter colaborativo da web, que os produtores de informação (os próprios internautas) lancem mão de recursos disponíveis que facilitem a posterior recuperação por parte dos sites de busca, como as palavras-chave (*tags* e *hashtags*). Porém, não existe uma “ditadura” para isso e muito se perde nesse “mar de informação” não categorizada.

Para a Biblioteconomia, tais “furos” da linguagem são evitados ao máximo para que as buscas empreendidas pelos leitores sejam precisas, exatas, o que é humanamente impossível de ser empreendido num ambiente tão vasto e heterogêneo como a internet.

Basicamente, recursos de representação de conteúdo nascidos e criados no ambiente *online*, como as *hashtags*, surgem mesmo como rompimentos de dizeres sedimentados, tais quais os biblioteconômicos, relacionados ao Tratamento da Informação e que já não “cabem” mais nesta esfera virtualizada, heterogênea, plural e instável que se tornou a web colaborativa.

As áreas de Biblioteconomia e Documentação têm todo seu mérito por criarem dispositivos realmente eficazes na organização e na recuperação de conteúdos das mais variadas tipologias documentais. Entretanto, a produção de informação já não se limita aos muros institucionalizados de bibliotecas e centros de documentação e tem se expandido cada vez mais para ambientes virtuais.

CONCLUSÃO:

Com o advento da Web 2.0, novos produtores de conteúdo surgiram, o que levou à necessidade de surgimento de dispositivos que representassem todo o conteúdo produzido para uma posterior recuperação através dos sites de busca. As tags e, mais recentemente, as *hashtags*, passaram a desempenhar esta função, porém, dado o ambiente heterogêneo que se constitui a internet, torna-se impossível estabelecer regras que possam reger a produção e a recuperação informacional.

É por este motivo que as *hashtags*, tema do presente artigo, se constituem polissêmicas ao passo que os recursos lançados por bibliotecários para o tratamento da informação se constituem parafrásicos: enquanto um é dotado do equívoco, da ruptura com o “mais do mesmo”, o outro é um engessamento de teorias e métodos que necessita, mais do que nunca, adaptar-se aos “furos” da web para, então, poder adentrar este mundo paralelo e contribuir, como já faz no âmbito institucionalizado, para uma efetiva organização e recuperação da informação.

Fica, portanto, o desafio para os profissionais da informação deste futuro que, sabemos, já está acontecendo.

REFERÊNCIAS:

- RECUERO, Rachel. **Teoria das Redes e Redes Sociais na internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2004. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121985795651418859729998795470196200751.pdf>>. Acesso em 04/02/14
- SILVEIRA, Juliana da. **Análise discursiva da hashtag #Onagagné: entre a estrutura e o acontecimento**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2013. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>> . Acesso em 04/02/14
- BARBOSA ET AL. **Caracterização do uso de hashtags do Twitter para mensurar o sentimento da população online: Um estudo de caso nas Eleições Presidenciais dos EUA em 2012**. Simpósio Brasileiro de Banco de Dados: Recife, 2013. Disponível em http://sbbd2013.cin.ufpe.br/Proceedings/artigos/pdfs/sbbd_shp_19.pdf. Acesso em 05/02/14

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 6.ed.
Campinas: Pontes, 2005